



CATOLICA

FACULDADE DE EDUCAÇÃO
E PSICOLOGIA

PORTO

PRÁTICA DESPORTIVA DE CRIANÇAS E JOVENS EM ACOLHIMENTO RESIDENCIAL: PERCEÇÕES E IMPACTO DOS TREINADORES

Dissertação apresentada à Universidade Católica Portuguesa para obtenção do grau de
mestre em Psicologia

- Especialização em Psicologia da Educação e Desenvolvimento Humano -

Isabel Micaelo Lima Pereira

Porto, julho de 2025



CATÓLICA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
E PSICOLOGIA

PORTO

PRÁTICA DESPORTIVA DE CRIANÇAS E JOVENS EM ACOLHIMENTO RESIDENCIAL: PERCEÇÕES E IMPACTO DOS TREINADORES

Dissertação apresentada à Universidade Católica Portuguesa para obtenção do grau de
mestre em Psicologia

- Especialização em Psicologia da Educação e Desenvolvimento Humano -

Isabel Micaelo Lima Pereira

Trabalho efetuado sob orientação de
Prof.^a Doutora Luísa Mota Ribeiro

Porto, julho de 2025

Agradecimentos

À minha orientadora, Prof.^a Luísa Mota Ribeiro pela sua orientação e por sempre ter confiado nas minhas capacidades, mesmo quando eu própria duvidei. Agradeço ainda pela motivação constante que me proporcionou no exercício desta tarefa.

Aos meus pais, por toda a preocupação e motivação que me foram dando ao longo deste caminho bastante desafiador. Nunca me deixaram desistir, mesmo quando parecia ser o mais correto a fazer. Às palavras sábias do meu pai, que me aconchegaram o coração, e às palavras assertivas da minha mãe. Um obrigada não chega, mantiveram-me na luta pelos meus sonhos.

Ao meu irmão Francisco, que baixou sempre o volume da música para me poder concentrar, e à diminuição da quantidade de vezes em que me tirava do sério. Obrigada por me apoiares do início ao fim com a tua personalidade carinhosa que tanto te caracteriza.

À Sofia, a minha melhor amiga desde o início da faculdade. Sempre presente nos bons e maus momentos, puxando-me para cima, mas rindo-se sempre primeiro e só depois é que ajudava. Que sejamos sempre assim, unidas. Que a nossa amizade permaneça por muitos mais anos, forte e cómica.

Aos meus “mini-atletas”, por nunca me permitirem ir abaixo, fazendo com que os treinos de basquetebol fossem uma fonte pura de alegria, de distração e de aprendizagem mútua.

Ao Júnior Maria, o melhor cão do mundo.

RESUMO

Este estudo teve como objetivo analisar as percepções dos treinadores sobre o impacto da prática desportiva em crianças e jovens em acolhimento residencial, considerando os benefícios observados nos atletas, a abordagem pedagógica adotada e a relação estabelecida com as casas de acolhimento. O estudo adotou uma metodologia qualitativa, tendo participado sete treinadores, com idades compreendidas entre os 19 anos e os 46 anos. Desenvolveu-se e utilizou-se um guião de entrevista semiestruturada e a análise de dados foi realizada com recurso ao NVivo 14, seguindo uma abordagem semi-indutiva. Os resultados destacam a importância da prática desportiva nas crianças e jovens em Acolhimento Residencial, bem como o impacto significativo que os treinadores apresentam nas suas vidas. Os dados evidenciam que a prática desportiva favorece o aumento da autoestima e socialização dos jovens. Destacou-se ainda que os treinadores são percecionados recorrentemente como modelos de referência e de confiança, favorecendo a criação de vínculos afetivos positivos. Face às implicações deste estudo, recomenda-se uma abordagem focada na promoção do envolvimento das crianças e jovens em acolhimento residencial no desporto, com acompanhamento dos respetivos cuidadores.

Palavras-chave: crianças; jovens; acolhimento residencial; percepções dos treinadores; prática desportiva.

ABSTRACT

This study aimed to analyse coaches' perceptions of the impact of sports practice on children and young people in residential care, considering the benefits observed in athletes, the pedagogical approach adopted, and the relationship established with foster homes. The study adopted a qualitative methodology, with the participation of seven coaches, aged between 19 and 46 years old. A semi-structured interview guide was developed and used, and data analysis was performed using NVivo 14, following a semi-inductive approach. The results highlight the importance of sports for children and young people in residential care, as well as the significant impact that coaches have on their lives. The data show that sports promote increased self-esteem and socialisation among young people. It was also noted that coaches are often perceived as role models and trusted figures, which helps to create positive emotional bonds. Given the implications of this study, we recommend an approach focused on promoting the involvement of children and young people in residential care in sports, with support from their careers.

Keywords: children; young people; residential care; coaches' perceptions; sports practice.

ÍNDICE

LISTAGEM DE QUADROS	vii
LISTAGEM DE ANEXOS	viii
INTRODUÇÃO	1
ENQUADRAMENTO TEÓRICO	4
1.1 Acolhimento Residencial: Breve caracterização	5
1.2 Crianças e Jovens vulneráveis e Prática Desportiva.....	6
1.3 Crianças e Jovens e Prática Desportiva: Relação Treinador-Jovem Atleta	7
MÉTODO	10
Participantes.....	11
Instrumentos	13
Procedimentos de Recolha de Dados.....	13
Procedimentos de Análise de Dados.....	13
APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS	15
CONCLUSÕES.....	25
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	29
ANEXOS.....	37

LISTAGEM DE QUADROS

Quadro 1. Caracterização dos participantes tendo em conta a idade, género, habilitações e profissão ($N=7$)

Quadro 2. Caracterização dos participantes em função da modalidade, número de atletas em Acolhimento Residencial, tempo de experiência enquanto treinador, formação específica sobre crianças e jovens vulneráveis, e frequência semanal de treinos ($N=7$)

Quadro 3. Categorias relacionadas com as questões de investigação e respetivo número de referências nas entrevistas ($N=7$)

LISTAGEM DE ANEXOS

Anexo 1. Guião de Entrevista utilizado com os Treinadores

Anexo 2. Modelo de Consentimento Informado para as Casas de Acolhimento e Treinadores.

Anexo 3. Transcrição de Entrevista (5)

Anexo 4. Sistema de Categorias

Anexo 5. Codificação e Categorização com descrição das Categorias

INTRODUÇÃO

Este estudo teve como objetivo principal analisar as percepções dos treinadores sobre o impacto da prática desportiva federada de crianças e jovens em acolhimento residencial, isto é, desporto regulamentado por uma federação desportiva reconhecida, considerando os benefícios observados nos atletas, a abordagem pedagógica adotada e a relação estabelecida com as casas de acolhimento.

A prática desportiva promove e potencializa uma melhor integração na comunidade, ajudando na construção do sentimento de pertença de cada indivíduo através de valores de ética que são transmitidos por esta prática, salvaguardando conhecimentos e certas competências chave para o dia-a-dia (Comissão Europeia, 2017). O desporto no decorrer da infância e juventude apresenta um papel fulcral na estimulação de competências emocionais, físicas e psicossociais (Fry et al., 2018). Neste sentido, as crianças e jovens que estão em Acolhimento Residencial e que praticam desporto de forma regular, estimulam nomeadamente as seguintes competências: 1) emocionais (e.g., resiliência); 2) sociais (e.g., integração adaptativa) e 3) psicológicas (e.g., redução da ansiedade) (Fry et al., 2018). Estas competências mencionadas, são vistas como frágeis nas crianças e jovens vulneráveis, reforçando, assim, a prática desportiva como uma ferramenta essencial de mudança (Teques et al., 2024).

Já o papel dos treinadores junto dos seus atletas, também se destaca como muito importante, construindo vínculos afetivos com os atletas e demonstrando um papel de suporte e de referência (Super et al. 2018), contribuindo, desta forma, também para o desenvolvimento das crianças e jovens, especialmente visível nos atletas que se encontram em Acolhimento Residencial (Vella et al., 2011).

A revisão de literatura sobre a prática de desporto por parte de crianças e jovens em acolhimento residencial permitiu identificar a escassez de estudos específicos que aprofundem esta realidade. Destarte, este estudo é pertinente não só por este motivo, mas também porque Portugal apresenta um número elevado de crianças e jovens em Acolhimento Residencial (CASA, 2023), sendo necessário encontrar respostas para esta causa.

Sendo assim, realizar-se-á uma breve contextualização e caracterização do acolhimento residencial, seguido da prática desportiva e respetiva relação Jovem Atleta-Treinador. Complementar-se-á com um guião de entrevista que terá o intuito de analisar as percepções dos treinadores sobre os jovens em acolhimento residencial e a respetiva prática desportiva, explorando as relações existentes e, também, as discussões sobre o mesmo.

O presente estudo contempla cinco capítulos distintos. Sendo estes: i) Enquadramento Teórico; ii) Metodologia do Estudo (participantes, instrumentos, procedimentos de recolha de dados, procedimentos de análise de dados); iii) Apresentação e Discussão dos Resultados; iv) Conclusão; e v) Anexos.

ENQUADRAMENTO TEÓRICO

1.1 Acolhimento Residencial: Breve caracterização

Segundo a Convenção das Nações Unidas sobre os Direitos das Crianças (1989), todas as crianças têm o direito de crescer num ambiente que potencialize a sua proteção, carinho e apoio, para que estas desenvolvam todo o seu potencial. Porém, este desenvolvimento positivo é posto em causa quer por características das crianças, como também por situações familiares consideradas adversas ou, ainda, em alguns casos, por ambos (United Nations, 1989). Quando estas problemáticas não são eficazmente abordadas, as crianças e os jovens podem ser colocados fora da sua casa, de forma a remediar os potenciais riscos de desenvolvimento (Bhatti-Sinclair & Sutcliffe 2012; Huefner et al., 2010; Pinto & Maia 2013; Vanschoonlandt et al., 2013).

Em Portugal, quando abordamos a temática do acolhimento residencial, é importante referir a Lei n.º147/99 do Diário da República que diz respeito à Proteção de Crianças e Jovens em Risco. Esta lei refere como a intervenção deve ter o intuito de salvaguardar os direitos e garantir o bem-estar das crianças e jovens em risco quando os pais, tutores legais ou encarregados de educação põem em risco a sua segurança, educação, saúde ou o desenvolvimento global. Da mesma forma, este perigo pode advir de ações de negligência de terceiros, dos próprios ou dos responsáveis quando estes não adotam medidas adequadas para solucionar e atenuar a ameaça (Lei n.º 147/99, art.º 3.º).

Porém, o Decreto-Lei n.º 164/2019 surgiu para realizar uma reforma ao Direito das Crianças e Jovens para evitar situações de risco e criar medidas de proteção e promoção, numa abordagem mais integrada dos direitos da criança e do jovem, com o superior interesse de garantir o seu bem-estar e desenvolvimento integral. Posto isto, o acolhimento residencial em Portugal é caracterizado por se realizar em casas de acolhimento dotadas de diversas instalações e recursos adequados às crianças e jovens que acolhem, com pessoal devidamente qualificado e de forma permanente, garantindo-lhes o bem-estar e a segurança necessária. Embora se reconheça os progressos adquiridos desde a entrada em vigor da Lei de Proteção de Crianças e Jovens em Perigo (LPCJP), no desenvolvimento e reforço do acolhimento residencial, é fulcral adaptar a legislação atual à evolução de necessidades das crianças e dos jovens garantindo, assim, uma resposta mais adequada ao seu bem-estar psicossocial (Lei n.º164/2019, art, 2º).

Neste sentido, em Portugal, a partir de 2019, as respostas com um cariz alternativo de carácter não residencial têm vindo a aumentar através dos apartamentos de autonomização e das famílias de acolhimento. Porém, face à consciencialização de que

novas respostas são precisas, o sistema de acolhimento português apresenta ainda uma elevada taxa de institucionalização, bem como um aumento de 25% de crianças e jovens com perturbação mental (CASA, 2023).

1.2 Crianças e Jovens vulneráveis e Prática Desportiva

O Instituto da Segurança Social (ISS) reconhece a importância da prática desportiva em crianças e jovens vulneráveis que se encontram a residir em acolhimento residencial. Considerando, assim, esta prática como uma estratégia de intervenção social, promovendo o desporto como uma ferramenta fundamental para o desenvolvimento psicossocial e para a promoção da inclusão (ISS, 2024)

Os jovens em acolhimento residencial apresentam dificuldades pessoais, sociais e emocionais, tal como é referido por Manso (2011), apresentando por sua vez, uma maior propensão para um número elevado de adversidades face a aspetos tanto pessoais, como sociais (e.g., autoimagem distorcida, visão distorcida da realidade, desenvolvimento de comportamentos desadequados). Também se verificam dificuldades de adaptação ao ambiente escolar, espelhadas no fraco desempenho académico e na insatisfação geral com o ambiente escolar (Manso et al., 2011). Na verdade, estas são consideradas como uma das populações mais vulneráveis na sociedade e, infelizmente, apresentam muitas das vezes, um passado histórico de exposição a diversos tipos de abusos, como são exemplo: i) abusos físicos; ii) emocionais e iii) sexuais (Kendrick et al., 2008). Os jovens que se encontram em acolhimento, devido às suas características e vulnerabilidades, apresentam-se mais propensos a vários estímulos negativos, quer sejam a nível pessoal, emocional e social. É fundamental salientar que a prática desportiva pode contribuir para o fortalecimento destas áreas psicossociais frágeis (e.g., autoaceitação, autorregulação, relação interpessoal, entre outras). Os estímulos emocionais, em particular, podem incluir o stress e a ansiedade, enquanto os estímulos sociais podem englobar a pressão dos pares e a necessidade de aceitação. A prática desportiva potencia o desenvolvimento da autoestima, a resiliência emocional, a capacidade de trabalho em equipa e o sentido de disciplina, contribuindo para um crescimento mais equilibrado e saudável (Kendrick et al., 2008).

Sendo consensuais os benefícios que a prática desportiva tem para a saúde dos indivíduos, estes não se limitam apenas à dimensão física, mas também à dimensão mental e social (Eime et al., 2013). Assim sendo, é recomendado que quando abordamos

e promovemos este tipo de competências físicas, mentais e sociais, se compreenda de forma abrangente as necessidades requeridas pelos jovens atletas. No entanto, quando abordamos a prática desportiva, muitas vezes estamos perante clubes desportivos e, infelizmente, existem poucos estudos que remontem à promoção eficaz destes objetivos (promoção de competências físicas, mentais e sociais) devido, essencialmente, às barreiras presentes, como são exemplo: i) fatores de pobreza; ii) discriminação; iii) falta de acesso a oportunidades de qualidade de vida; e também, iii) a exclusão social, que fazem com que seja mais difícil a participação de certos grupos sociais em atividades desportivas, especialmente nos clubes desportivos (Van der Veken, 2020).

1.3 Crianças e Jovens e Prática Desportiva: Relação Treinador-Jovem Atleta

A UNESCO (1978) elaborou uma Carta Internacional de Educação Física e do Desporto, na qual afirma que a educação física e o desporto são constituintes essenciais no sistema educativo de forma global. O seu objetivo é o de desenvolver habilidades e potencializar a integração na sociedade (art. 2.º, 2.1). Por outro lado, a escola tem as funções de promover a educação física, bem como cuidar dos interesses dos alunos e professores, e as suas expectativas (art. 2.º). Para complementar, a Comissão Europeia (2007) referiu que o desporto favorece uma melhor integração na sociedade e ajuda no sentimento de pertença nos indivíduos, face a princípios como: o respeito, a disciplina, a responsabilidade, a cooperação e a perseverança. Estes princípios não só promovem um sentimento de pertença entre os indivíduos, como também são essenciais para o desenvolvimento pessoal e social que são transmitidos pela prática desportiva, salvaguardando, deste modo, conhecimentos e competências (Comissão Europeia, 2007).

No contexto português, o desporto segundo o Decreto-Lei nº248-B/2008, é financiado pelo Estado Português, com o objetivo de cumprir três objetivos: i) as organizações desportivas são apoiadas para realizarem competições quer a nível local, nacional e até mesmo internacional, bem como atividades realizadas na comunidade, para potencializar a prática desportiva; ii) as entidades promotoras da prática desportiva devem-se responsabilizar pela formação de treinadores, atletas, entre outros; e iii) as instituições desportivas são financiadas para estimular o desenvolvimento humano (Lei nº 248-B, 2008). Já o Instituto Português do Desporto e Juventude (IPDJ) fomentou a importância da ética e dos valores no desporto português para que se potencializasse a promoção de competências do desenvolvimento humano através de literacia dos treinadores e dos intervenientes presentes nestes contextos.

Quando nos referimos ao acolhimento residencial, é importante termos em mente o conceito de vinculação. A teoria da vinculação, inicialmente desenvolvida por Bowlby (1969) e aprofundada por Ainsworth (1978), fornece um quadro teórico para a compreensão da dinâmica relacional entre os jovens e os profissionais das casas de acolhimento residencial. O trabalho de Bowlby, baseado em conceitos de etologia, psicologia do desenvolvimento e psicanálise, enfatiza a importância do papel de uma figura de vinculação consistente na promoção de um desenvolvimento emocional e psicológico saudável (Holmes, 2014). Bowlby (1969) acabou por postular que a presença de uma figura de vinculação estável e responsiva é fulcral para o desenvolvimento de uma base segura a partir da qual os indivíduos podem explorar o mundo e enfrentar os desafios da vida. No acolhimento residencial, o profissional responsável serve de base segura, proporcionando um ambiente estável de confiança e segurança que promove, por sua vez, o crescimento emocional e social dos adolescentes. Já Ainsworth (1978), e tendo em conta o conceito de sensibilidade do prestador de cuidados, enriquece ainda mais a compreensão da relação entre os jovens e o pessoal do acolhimento residencial (West et al., 2020).

Posto isto, quando nos referimos aos treinadores, sabemos que estes trabalham e lutam diariamente para que seja possível a promoção e potencialização de experiências adaptativas e, conseqüentemente, positivas que advêm da prática desportiva para as crianças e para os jovens que a praticam (Camiré & Santos, 2019). Segundo o estudo de Davis e colaboradores (2014), a ligação entre o treinador e o atleta é indicada como um fator essencial tanto para o bem-estar do atleta como para a qualidade geral da sua relação. Uma ligação segura promove a confiança mútua, o respeito e a comunicação efetiva, que são fulcrais para o desenvolvimento holístico do atleta. Esta ligação está intimamente conectada a um maior bem-estar emocional, uma vez que os atletas que se sentem valorizados e compreendidos apresentam níveis mais baixos de stress e maior satisfação geral (Davis et al., 2014). Uma ligação coesa contribui para a motivação do atleta, criando um ambiente de apoio que incentiva a prossecução de objetivos pessoais e desportivos. Além disso, esta conexão emocional ajuda os atletas a gerir as adversidades, como lesões ou derrotas, fomentando a resiliência e promovendo o crescimento, tanto na sua vida pessoal como na carreira desportiva, com foco a longo prazo (Davis et al., 2014).

Por conseguinte, o impacto dos treinadores nos atletas deixou de estar centrado apenas nas componentes físicas para demonstrar uma importância significativa no impacto psicológico.

Contudo, apesar da importância da atenção dada às vivências de crianças e jovens em acolhimento residencial, assume-se uma escassez de estudos específicos que aprofundem esta realidade no domínio da prática desportiva. Esta lacuna identificada evidencia a necessidade de estudar e aprofundar este tema, razão pela qual, o presente estudo propõe contribuir para o avanço da investigação, através da abordagem metodológica que se segue.

MÉTODO

O principal objetivo deste estudo foi analisar as percepções dos treinadores sobre o impacto da prática desportiva em crianças e jovens em acolhimento residencial, considerando os benefícios observados nos atletas, a abordagem pedagógica adotada e a relação estabelecida com as casas de acolhimento.

Para tal, foram formulados os seguintes objetivos específicos: i) analisar as percepções dos treinadores sobre os seus atletas em situação de Acolhimento Residencial; ii) analisar os impactos e benefícios que os treinadores identificam na prática desportiva das crianças e jovens em Acolhimento Residencial; iii) analisar quais as abordagens pedagógicas utilizadas pelos treinadores para intervir com os seus atletas em Acolhimento Residencial; e iv) analisar como os treinadores estabelecem a relação com as casas de Acolhimento Residencial no apoio à prática desportiva das crianças e jovens.

As Questões de Investigação definidas foram as seguintes:

Q11- Como é que os treinadores percecionam os jovens atletas que se encontram em Acolhimento Residencial?

Q12- Quais os impactos e benefícios que os treinadores identificam na prática desportiva das crianças e jovens em Acolhimento Residencial?

Q13- Como é que os treinadores desenvolvem e implementam abordagens pedagógicas para lidar eficazmente com os jovens em Acolhimento Residencial?

Q14- De que modo os Treinadores estabelecem e gerem a relação com as Casas de Acolhimento Residencial no apoio à prática desportiva das crianças e jovens?

Participantes

Neste estudo, participaram sete treinadores, um do sexo feminino e seis do sexo masculino, de diferentes modalidades desportivas, e com idades compreendidas entre os 19 e os 46 anos ($M = 31,71$; $DP = 10,91$). A escolha dos treinadores teve em conta os critérios de inclusão deste estudo: i) qualquer treinador (não há limites de idades, nem desportos excluídos), que tenha jovens em Acolhimento Residencial, atualmente ou nos últimos dois anos; e ii) o desporto tem de ser federado. Por outro lado, os critérios de exclusão definidos foram: i) professores que estejam ligados apenas ao desporto escolar; e ii) qualquer outra situação que não cumpra os critérios de inclusão previamente definidos.

Nos Quadros 1 e 2 é visível a caracterização dos participantes em função da idade, do género, habilitações, profissão, modalidade desportiva que exercem, frequência semanal de treinos, número de atletas em Acolhimento Residencial, tempo de experiência enquanto treinador, e se possuem alguma formação específica em crianças e jovens vulneráveis.

Quadro 1

Caracterização dos participantes tendo em conta a idade, género, habilitações e profissão (N=7)

Participantes	Idade	Género	Habilitações	Profissão
1F22VL	22	Feminino	Ensino Superior	Estudante
2M32AM	32	Masculino	Ensino Superior	Treinador
3M46BCR	46	Masculino	Ensino Superior	Docente
4M39FB	39	Masculino	Ensino Superior	Engenheiro
5M42RB	42	Masculino	Ensino Superior	Diretor de casa de AR
6M22BKT	22	Masculino	Ensino Superior	Docente
7M19FB	19	Masculino	Ensino Secundário	Futebolista

Quadro 2

Caracterização dos participantes em função da modalidade, frequência semanal de treinos número de atletas em Acolhimento Residencial, tempo de experiência enquanto treinador, e formação específica sobre crianças e jovens vulneráveis (N =7)

Participantes	Modalidade Desportiva	Frequência Semanal de Treinos	N.º de Atletas em AR	Tempo de Experiência enquanto Treinador	Formação Específica
1F22VL	Voleibol	4	1	4 anos	Não
2M32AM	Artes Marciais	3	8	2 anos	Sim
3M46BCR	Basquetebol Cadeira de Rodas	2	1	3 anos	Não
4M39FB	Futebol	3	1	6 anos	Não
5M42RB	Râguebi	3	8	12 anos	Sim
6M22BKT	Basquetebol	3	1	14 anos	Não
7M19FB	Futebol	2	1	1 ano	Não

Instrumentos

Para a recolha de dados, optou-se pela aplicação de uma entrevista semiestruturada desenvolvida com base na revisão da literatura, e adaptou-se um guião já existente (Cunha, 2017). A entrevista compreendeu aspetos diretamente relacionados com os objetivos específicos definidos e já mencionados. O instrumento foi composto por quatro secções: i) dados sociodemográficos e percurso dos treinadores; ii) impactos e benefícios da prática desportiva nas crianças e jovens em acolhimento residencial na perspetiva dos treinadores; iii) experiência do treinador e a respetiva abordagem pedagógica junto dos atletas; e iv) relação dos treinadores com as casas de acolhimento.

O Guião da Entrevista utilizado no apoio e desenvolvimento do presente estudo pode ser consultado no Anexo 1.

Procedimentos de Recolha de Dados

A abordagem de recolha de dados começou com a identificação de Casas de Acolhimento Residencial, para que fosse possível identificar as crianças e jovens que praticavam desporto federado e, seguindo deste ponto, identificar os respetivos treinadores. Posto isto, a seleção dos participantes foi feita de forma intencional. Todos os participantes foram previamente informados dos objetivos da investigação, bem como o porquê da gravação em vídeo e áudio. Foi clarificada a questão do anonimato e confidencialidade, através do consentimento informado (Anexo 2). Por questões éticas, atribuíram-se códigos a cada participante, acautelando a eliminação dos nomes reais e protegendo, assim a identidade de cada participante.

As entrevistas foram todas realizadas individualmente e em formato online, entre março e maio de 2025, através da plataforma *Zoom* e *Microsoft Teams*, com uma duração média de 20 minutos cada.

Procedimentos de Análise de Dados

Na realização da análise de dados utilizou-se a modalidade de análise de conteúdo semi-indutiva que se guiou pelas questões de investigação previamente assinaladas. Estas seguiram a seguinte ordem: i) transcrição das entrevistas de todos os participantes (e.g., transcrição de uma entrevista 5, visível no Anexo 3); ii) leitura flutuante; iii) codificação, isto é, identificar, organizar e atribuir códigos aos dados recolhidos, de maneira a ajudar

na interpretação e atribuição de significados por parte do investigador (Bingham, 2023); e iv) categorização das transcrições com recurso ao *software* QSR Nvivo 14. Face a isto, esta abordagem qualitativa permitiu focar na perceção, reflexão e descrição dos participantes de uma forma mais coesa e minuciosa compreendendo, assim, as perspetivas dos mesmos sobre o presente tema (Creswell, 2007).

APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

A análise e apresentação dos resultados obtidos nas entrevistas realizadas focaram-se no objetivo previamente definido. Sendo assim, as concretizações das codificações, das categorizações e descrições das mesmas, procuraram sempre ter em conta a literatura e o discurso dos treinadores. Nos Anexos 4 e 5 apresentam-se o Sistema de Categorias e a Codificação e a Categorização, com a respetiva descrição das categorias criadas.

Emergiram quatro grandes categorias neste estudo (Quadro 3) que, por sua vez, se encontram alinhadas com as questões de investigação. Ao longo deste capítulo, teremos a possibilidade de realizar uma análise profunda das mesmas¹.

Quadro 3

Categorias relacionadas com as questões de investigação e respetivo número de referências nas entrevistas (N = 7)

Categorias	Questão de Investigação	Nº Total de Referências	Fontes (files)
1. Perceções dos Treinadores sobre os seus atletas que se encontram em Acolhimento Residencial	Q11	37	7
2. Impactos e Benefícios que os Treinadores identificam na Prática Desportiva das Crianças e Jovens em Acolhimento Residencial	Q12	93	7
3. Abordagens Pedagógicas utilizadas pelos Treinadores com os seus atletas em Acolhimento Residencial	Q13	18	7
4. Relação do Treinador com as Casas de Acolhimento Residencial	Q14	23	7

Q11: Como é que os treinadores percebem os jovens atletas que se encontram em Acolhimento Residencial?

A resposta à presente questão de investigação foi obtida através da categoria intitulada **“Perceções dos Treinadores sobre os seus atletas que se encontram em Acolhimento Residencial”**. Dentro desta categoria emergiram 10 subcategorias, como se pode verificar no Anexo 5.

Com 10 referências, temos a subcategoria **“Baixas Competências Socioemocionais”**, (4M39FB: *“Ela foi ao Gerês, é uma miúda que tem uma intensidade*

¹ Para uma melhor compreensão das categorias no decorrer da apresentação e discussão dos resultados, será utilizado o seguinte código: negrito sublinhado (categoria de 1ª geração); negrito (categoria de 2ª geração); sublinhado (categoria de 3ª geração); em itálico (categoria de 4ª) e em itálico e sublinhado (categoria de 5ª geração).

diferente a jogar. E... Houve lá uma situação ou outra. Ou seja, na frustração para a jovem, o normal era resolver essas coisas na base da violência, seja verbal ou fosse física. E claramente a X. sob pressão, ou seja, a maneira dela resolver as coisas, para ela o normal é a violência.”), que nos remete para baixas competências socioemocionais (e.g., dificuldades na compreensão, regulação e expressão das emoções) manifestadas pelas crianças e jovens, segundo a percepção dos treinadores. Soriano-Diaz e colaboradores (2022) referiram que tanto as experiências adversas, como a ausência de vínculos bem estabelecidos, impactam de forma significativa nas capacidades de autorregulação emocional nos jovens, manifestando-se através de sentimentos de frustração, stress elevado e de conflitos. Desta forma, quanto maior a exposição a fatores potencialmente negativos (e.g., situações de negligência, abuso físico, emocional e sexual), maior relação existe com o défice de aquisição de competências emocionais adaptativas e funcionais (Soriano-Diaz et al., 2022).

Face a isto, as subcategorias geradas com base nas percepções dos treinadores foram ao encontro do que a literatura refere, sendo algumas as seguintes: i) **“Desafios na Integração Social”** (2M32AM: *“...acho que a parte social era a maior dificuldade deles ...”*); ii) **“Baixa Confiança”** (5M42RB: *“São jovens, geralmente, com problemas associados à confiança. Todos eles foram vítimas, porque a maior parte deles são crianças e jovens, foram vítimas de más decisões de adultos, não só de familiares, mas, muitas vezes, o próprio sistema.”*); iii) **“Histórico Familiar Complexo”** (6M33BKT: *“Porque se na vida deles, do dia-a-dia, já é desigual, não tem... Há muitas vezes ou têm um contexto familiar muito difícil, ou já não têm pai, ou já não têm mãe, ou nem sequer os dois ...”*); e iv) **“Desorganização em Tarefas Diárias”** (1F22VL: *“É uma jovem um bocado fugida da escola e tudo mais, terapia e tal, ela costumava fugir um pouco ...”*). Destarte, as dificuldades sentidas nas interações sociais (e.g., relação com pares), na (des)valorização do próprio (e.g., baixos níveis de autoestima), assim como nas influências de contextos de vida desafiadores e exigentes (e.g., abandono), e na organização de tarefas diárias (e.g., desorganização em tarefas diárias) são aspetos relatados por outros autores (Tyler et al., 2021).

Apesar das referências mencionadas (6M33BKT: *“Era e é uma miúda que se nota claramente algumas fragilidades emocionais, mas depois também tinha outras coisas que as outras não tinham de ponto de vista desportivo.”*), Araújo (2020) argumenta que os jovens provenientes de situações de acolhimento, poderão apresentar níveis mais elevados de autonomia. Posto isto, os treinadores, perceberam níveis de autonomia

superiores nos atletas em AR em relação aos atletas que não se encontram nestas mesmas condições, como podemos verificar na subcategoria “**Autonomia**” (2M32AM: “*Conseguem ser muito mais autónomos.*”). Outro aspeto observado diz respeito à subcategoria “**Assertividade em Contexto Desportivo**” (4M39FB: “*...atleta que é a X, a que está em acolhimento residencial. vi logo que ela era diferenciada em vários sentidos, porque ela jogava no masculino, e ela basicamente no fim pegou-se com o rapaz e não se baixou, ou seja, ela foi para cima do rapaz com o que é que queres, ou seja, notou-se logo que ela tinha de ter alguma coisa diferenciada ...*”), dado que estes jovens entram em contacto, desde cedo, com responsabilidades socioafetivas que são exigentes (e.g., tomar conta de familiares próximos) (Araújo et al., 2020).

Já a “**Inteligência**” (5M42RB: “*... eles são inteligentes ...*”) e o “**Bom Comportamento**” (2M32AM: “*... a nível comportamental eles ali portam-se bem ...*”), foram as subcategorias que apresentaram menor número de referências (1 referência). Esta visão dos treinadores relativamente à inteligência dos seus atletas é particularmente relevante, tendo em conta que a literatura (Humphreys et al., 2022) identifica défices cognitivos nesta população. Estes défices podem dever-se a fatores ambientais (e.g., exposição pré-natal a substâncias lesivas), stress tóxico (e.g., maus-tratos), baixa supervisão da casa de acolhimento (e.g., fraca estimulação socio-afetiva) e instabilidade socioemocional do contexto envolvente (e.g., desregulação emocional). Traduzindo-se, assim, em dificuldades de aprendizagem, défices a nível da concentração e atenção, e em dificuldades na resolução e superação de problemas (Sousa et al., 2023). Ademais, estas crianças e jovens acolhidos desenvolvem com maior facilidade padrões de comportamento negativos e agressivos (e.g., impulsividade, agressividade física) e, estão expostos a comportamentos de discriminação pelos pares e pela sociedade (Piñuela Sánchez et al., 2023). Posto isto, destaca-se assim, também a relevância que a visão dos treinadores têm sobre o bom comportamento dos seus atletas acolhidos, uma vez que, estas perspetivas ainda são pouco referidas e exploradas na literatura.

Q12: Quais os impactos e benefícios que os treinadores identificam na prática desportiva das crianças e jovens em Acolhimento Residencial?

Abordando agora a temática: “**Impactos e Benefícios que os Treinadores identificam na Prática Desportiva das Crianças e Jovens em Acolhimento Residencial**”, que foi a mais referenciada no decorrer das entrevistas (93 referências). A

categoria “**Transformação Pessoal**” foi preponderante dado que apresentou um total de 60 referências que englobaram: 1) o crescimento integral dos jovens (6M33BKT: “*Sim, claramente é importante nós enquanto agentes, educadores, pedagogos, o que tiver de ser, perceber que isto é muito mais além do que a parte desportiva, é claramente, primeiro é uma forma de dar algum sentido à vida destes jovens, e alguns pelo menos com tanta coisa traumática que às vezes têm na vida deles, acho que poder vivenciar coisas positivas faz realmente, pode ter muito impacto na vida deles para o futuro ...*”) e (5M42RB: “*Porque muda vidas, estabiliza comportamentos, define objetivos e acima de tudo disciplina muito os atletas, o miúdo em termos de ser o ser humano, em termos de cumprir determinadas etapas. O desporto é muito bom para isso. Porquê? Porque ele quase que replica aquilo que faz nos treinos e depois na vida. E para os miúdos a casa de acolhimento é muito importante. Porquê? Porque os ensina quase a traçar um plano e eles perceberem que, por exemplo, no rugby isso ainda tem uma importância maior. Porquê? Porque eles dizem assim, se eu tenho coragem, se sou capaz de enfrentar 15 adversários num campo e que são maiores que eu, são mais fortes que eu, porque é que eu não consigo ir à escola e estar concentrado durante duas horas ou três? Porquê é que eu não consigo estudar para um teste? Se faço uma coisa muito mais difícil que é entrar num campo de rugby que necessita ter muito mais coragem. E esse paralelismo muitas vezes ajuda hoje na vida. E cria-lhes disciplina e método. Que é uma coisa que eles faltam bastante nas casas de acolhimento.*”); 2) a criação de relações interpessoais (1F22VL: “*...também lhe ajudou a criar ali algumas relações de amizade que para ela não era tão fácil.*”); 3) o desenvolvimento de valores (2M32AM: “*Porque nós não estamos aqui para batermos uns aos outros, mas estamos aqui para criar jovens, para se prepararem para a vida, a autodefenderem-se, que é principalmente isso, e ter jovens de valor.*”); e 4) a evolução social (7M17FB: “*Ensina que tem, principalmente, inicialmente, que não é só ele que não vive sozinho, não vive sozinho, não treina sozinho, não joga sozinho, que o trabalho ou o sucesso da equipa também depende muito da forma como cada um se relaciona com os outros, e como os outros se relacionam entre si também, e acho que ele estar num contexto em que está feliz vai ajudar-lhe sempre muito mais.*”). Estes dados evidenciam o impacto significativo da prática desportiva nas crianças e jovens em Acolhimento Residencial, visto que o desporto atua como uma ferramenta essencial (e.g., definição de rotinas). No entanto, não se trata apenas disso o mesmo é visível na integração social e no desenvolvimento de valores, promovidos pela criação de novos

laços de amizades; pela presença de um espaço seguro; e pelo reconhecimento das capacidades apresentadas por estas crianças e jovens (Rós et al., 2023).

Nas palavras de Gameiro e colaboradores (2023), as crianças e jovens que se encontram em situações de maior vulnerabilidade e risco (e.g., acolhimento, pobreza e negligência), e que estão inseridas em práticas desportivas, apresentam ao longo do seu percurso desenvolvimental diversas melhorias como, por exemplo, a nível psicossocial. Isto deve-se à organização que é inerente à prática desportiva (e.g., promoção de estabilidade e previsibilidade), fundamentada com regras bem estabelecidas, e ao controlo emocional (e.g., lidar com a frustração). Tal resulta numa maior permeabilidade para a estabilidade emocional (e.g., crianças e jovens mais resilientes), e também para a aquisição de comportamentos adaptativos com maior predisposição (e.g., menor agressividade, e sentido e noção da importância de ter disciplina e compromisso) (Gameiro et al., 2023).

Seguindo esta linha de pensamento, foi possível observar que os treinadores identificaram que a prática desportiva, nas crianças e nos jovens, tem impacto significativo ao nível da aquisição de “**Aprendizagens Novas**” (14 referências), assim como na “*Aquisição de Competências Comportamentais*”, como podemos analisar a partir das seguintes subcategorias: a) *Disciplina e Responsabilidade* (2M32AM: “*Eles ali têm um comportamento de acordo com aquilo que eu procuro.*”); b) *Diminuição de Comportamentos de Risco* (5M42RB: “*Mas o que é certo é que nós temos melhorias em tudo. Desde a parte escolar, por exemplo, muitas vezes alguns vêm aqui com problemas de consumos ou com problemas de, cada vez mais se vê, problemas associados a compulsões de videojogos e computadores. Ou seja, nós temos, existe um decréscimo em todos estes problemas. Graças à prática desportiva.*”); e c) *Noção de Compromisso* (3M46BCR: “*...ensina-lhe rotinas, ensina-lhe formas de estar mais saudáveis, com mais objetivo, com fazer as coisas com mais afinco ...*”).

A “**Construção de Vínculos**” também emergiu neste estudo (11 referências), como sendo uma consequência positiva percecionada que advém da prática desportiva, realçando a “*Criação de uma Base de Suporte*” (1F22VL: “*...depois, na afirmação, era muito, pronto, ok, eles tomam conta, são carinhosos e tudo mais (...)*Então, acho que foi um pouco mais nessa parte, assim, como se é tipo um ombro, estás a ver, para ela, ela é uma base de suporte.”), e a “*Valorização do Sentimento de Pertença*” (4M39FB: “*Sentido de família, de autoestima e união.*”). Estes aspetos referidos pelos treinadores vão ao encontro do estudo de Super e colaboradores (2018), que menciona que o desporto é um

grande promotor de vínculos não só pela prática em si, mas sobretudo pelas relações e interações interpessoais que são potencializadas (e.g., com os colegas de equipa, treinadores e outros indivíduos envolvidos neste tipo de contextos). Tendo isto em conta, os treinadores são vistos como figuras de referência para estes jovens (2M32AM: “*Às vezes eles confiam muito mais nas pessoas que lhes estão a dar o desporto, ou que estão com eles em tão pouco tempo, do que propriamente as pessoas que estão na instituição...*”), e aparentam, uma vez mais, ter um impacto notável no desempenho desportivo, assim como na vida social e académica dos mesmos (3M46BCR: “*...objetivos dele agora estão a ser melhores e mais bem traçados, mas não tinha esse tipo de objetivos.*”).

A atividade e prática desportiva, alicerçada aos seus benefícios, destacam-se na criação de “**Novas Perspetivas**” (8 referências), ou seja, na “**Projeção de Horizontes**” (3M46BCR: “*Inclusive acho que foi o desporto que lhe permitiu também escolher uma área, quando ele está a tirar agora o ensino superior, que está aumentando a área do desporto, porque se não fosse o desporto ele não acabaria o 12º ano. Se não, não escolheria nenhum curso.*”). Estes dados evidenciam a função estimuladora que o desporto apresenta na mudança destas crianças e jovens (e.g., apoio dos treinadores, sucesso desportivo e aumento da noção de responsabilidade), expandindo a visão que estes têm sobre si próprios e sobre o futuro (Almeida et al., 2025).

Q13: Como é que os treinadores desenvolvem e implementam abordagens pedagógicas para lidar eficazmente com os jovens em Acolhimento Residencial?

Explorando a categoria “**Abordagens Pedagógicas utilizadas pelos Treinadores com os seus atletas em Acolhimento Residencial**”, esta foi a menos referenciada (18 referências) ao longo das entrevistas realizadas.

Neste sentido, foi mencionado pelos treinadores que estes adotam “**Abordagens Positivas**”, com 14 referências. Fazem parte: i) a “*Atenção Individualizada*” (3M46BCR: “*Temos uma abordagem para a equipa, em geral, mas uma abordagem um bocadinho individual, que devemos fazê-la também individualmente. Para com ele no final do treino, em momentos à parte, claro que com ele temos de ter algum cuidado extra.*”); ii) a “*Utilização de Atletas mais Velhos como Suporte*” (2M32AM: “*Colocar os jovens mais velhos que eu tenho comigo, que estão comigo há 10 anos. Eu tenho jovens que começam com 7, hoje têm 17 comigo. Por isso conhecem-me na perfeição. Nada melhor*”).

do que ser esses jovens a passar depois o transfere para esses jovens que vêm dessas casas de acolhimento.”); iii) a “Constituição de Grupos” (2M32AM: “Inicialmente começámos com grupos, para ser mais fácil a inclusão deles, começámos com grupos de três movimentos de cada vez, ok? Mesmo até foi um critério que eu defini com as instituições, a não mandar os oito de cada vez, porque senão eles iam se sentir demasiado em casa, por assim dizer.”); e iv) “Criação de um Espaço Seguro”(1F22VL: “Então nós procuramos sempre ter ali algum espaço em que ela pudesse falar, por exemplo, nós conversarmos um bocadinho e tal? Contas-me um bocadinho o que é que tu gostas, o que é que tu fazes fora daqui, não sei o quê...?”). As abordagens utilizadas e implementadas pelos responsáveis das crianças e jovens em AR (e.g., professores, treinadores, entre outros), têm sofrido ao longo dos anos uma evolução positiva, passando de práticas tradicionais (e.g., foco na punição) para práticas inovadoras, que se focam nas competências socioemocionais (Santos et al., 2023). Destaca-se a importância de adotar abordagens positivas (e.g., ambiente seguro e positivo, empatia, escuta ativa, estratégias individualizadas e personalizadas, e foco na promoção do trabalho em equipa), pois são consideradas componentes fundamentais para a estimulação do desenvolvimento emocional e psicossocial de jovens vulneráveis (Harder et al., 2022)

Por outro lado, através da literatura existente (e.g., Izzo et al., 2016), sabe-se que a adoção de certas abordagens junto de crianças e jovens acolhidos não é tão benéfica, uma vez que estes passam por situações de negligência, abandono, maus-tratos e falta de afeto, e, portanto, quando se deparam com abordagens educativas com um carácter mais severo (e.g., punição), estas crianças e jovens tendem a apresentar respostas emocionais desadaptadas (e.g., ansiedade, raiva, sentimentos negativos) em relação às crianças e jovens que não se encontram em situação de acolhimento (Izzo et al., 2016). Estas abordagens negativas podem ser de diversas formas, como são exemplo: 1) o uso excessivo de regras; 2) o controlo de forma autoritária; 3) o discurso alterado (e.g., ameaças e gritos); 4) castigos (e.g., ficar isolado dos outros indivíduos) e 5) a exposição (e.g., expor uma fragilidade/erro à frente de outras pessoas), o que contribui para o aumento de conflitos e comportamentos típicos de oposição (Matte-Landry et al., 2024). Uma vez mais, verificou-se que o “Evitamento de Abordagens Negativas” (3M46BCR: “Aquilo que os ingleses chamam de *tough talk*. com ele não resulta tão bem, de forma nenhuma. Ele reage muito mal a algum tipo de berro, de abordagem mais agressiva, que é muito comum nos treinadores de desporto.”) é algo que os treinadores destacam com alguma relevância (4 referências), visto que é o que acaba por produzir efeitos contrários

ao desejado, isto é, a promoção do bem-estar nos seus atletas (5M42RB: “*Exemplo do grande grupo, por exemplo, muitas vezes nós utilizamos a pressão do grupo como fator de motivação para um atleta, não é? Nestes jovens geralmente tende a não, é que isso não resulta tão bem. Eu dou um exemplo, por exemplo, imaginemos que eu tenho o João e o Manuel numa equipa. O João é de acolhimento, o Manuel não é. Muitas vezes, se eu disser ao João, junto do grande grupo, atenção, falhaste com a tua equipa, a tua equipa estava a contar contigo, tu não vieste, ou não fizeste isto, ou não fizeste aquilo, essa abordagem muitas vezes tem de ser, entre aspas, mais cuidadosa, porque a tendência, a confiança muitas vezes nestes miúdos não é equiparada a miúdos que muitas vezes não passam por situações de acolhimento. Eles não entendem por defeito a ver isso como uma exposição ao grande grupo e como se o adulto estivesse a desistir deles. É uma coisa que nós temos de ter muita atenção a isso. Há miúdos que até se pode fazer isso, que não ligam tanto. Mas, pela minha experiência, geralmente essa exposição nunca acaba por correr muito bem. E isso funciona como contraponto para a motivação deles, não é?”*).

Q14: De que modo os Treinadores estabelecem e gerem a relação com as Casas de Acolhimento Residencial no apoio à prática desportiva das crianças e jovens?

Abordando a última categoria que surgiu no decorrer deste estudo, nomeadamente a “**Relação do Treinador com as Casas de Acolhimento Residencial**” (23 referências), constatou-se a existência de diversos aspetos antagónicos referidos pelos participantes, que vêm reforçar a importância deste estudo qualitativo como “*material*” cognitivo enriquecedor (Potvin et al., 2024). Portanto, focando nas perspetivas dentro desta categoria, emergiu a subcategoria “**Envolvimento e Abertura Organizacional**”, que se subdividiu no seguinte aspeto positivo: “**Flexibilidade**” (6M33BKT: “*Em todas as instituições, acho que foi sempre a mesma, não foi sempre a mesma, foram duas diferentes. Mas a última com quem estamos, por exemplo, tudo que era torneios fora, coisas que é preciso haver flexibilidade e investimento, em que, se o clube não conseguisse suportar, a casa conseguia arranjar a forma de apoiar a atleta. Ou seja, todas as oportunidades desportivas que podiam ser enriquecedoras para a vida pessoal da atleta, havia um apoio nesse sentido.*”). Por sua vez, o aspeto limitador que se destacou foi a “**Menor Flexibilidade**” (2M32AM: “*Eu acho que lá é um modelo ainda muito standard. É aquela regra e não há mais nenhuma.*”). Isto pode estar associado às políticas institucionais de cada casa de Acolhimento Residencial, sendo que algumas apresentam

dificuldades, como: 1) falta de recursos (e.g., transportes escassos, apoio financeiro, recursos humanos); 2) rotinas padronizadas (que pode levar a alguma intransigência); e, 3) pouca valorização da prática desportiva (Quarmby et al., 2016). Por outro lado, existem casas de Acolhimento Residencial que têm um conjunto de fatores (e.g., recursos suficientes, horários ajustáveis, cultura da prática desportiva, acordos com entidades externas) que estimulam não só a adaptação destas crianças e jovens com prática desportiva, mas também à integração e desenvolvimento social (Bruce et al., 2019).

Mais ainda, os treinadores refletem sobre a importância da “**Comunicação e Feedback**” (entre os mesmos e as casas de acolhimento residencial dos seus respetivos atletas), como sendo ora “Suficiente” (5M42RB: “*Há uma linha de comunicação, a casa tem técnicos aqui responsáveis pelos miúdos, aqui eu delego funções. Esses técnicos entram em contato com os diretores do clube, não é? E depois eles articulam as saídas a jogos, as passagens que muitas vezes têm de passar a fim de semana fora, porque vão jogar ainda a semana passada, foram a Lisboa. Se ver que passaram a ter lá de sexta a domingo, foi tudo articulado com o clube. Ou seja, a comunicação é muito fluida e muito boa.*”), ora “Insuficiente” (7M19FB: “*(..) Nós não temos qualquer tipo de comunicação. E pronto, há sempre aqueles rumores (...) do disse que. Mas, sim tem de haver comunicação, mas ainda não há.*”). Ademais, dentro desta 1ª categoria, surgiu a dimensão “Formas de Comunicação” que é adotada: 1) “*pelos Treinadores*” (1F22VL: “*Nós temos o nosso team manager que fica mais encarregue e falamos com a responsável.*”), e 2) “*pelas Casas de Acolhimento Residencial*” (3M46BCR: “*Telefonemas ... (...).*”). Estas referências evidenciam o que a literatura sugere, isto é, que a comunicação e *feedback* devem ser preferencialmente usadas como linhas de reflexão conjunta, onde os responsáveis e os treinadores possam alinhar as estratégias de intervenção que necessitam de ajustamento, para que as crianças e jovens continuem a desenvolver-se da forma mais adaptativa possível (Povilaitis et al., 2018). Posto isto, reuniões presenciais, telefonemas (preferencialmente curtos, mas explícitos), relatórios e/ou envio de emails, são formas de estabelecer um canal de comunicação e *feedback* mais assertivo e eficaz, entre os treinadores e os responsáveis das Casas de Acolhimento Residencial (Roghanizad, M. et al., 2022).

CONCLUSÕES

Com este trabalho, pretendeu-se analisar as percepções dos treinadores sobre o impacto da prática desportiva em crianças e jovens em acolhimento residencial, considerando os benefícios observados nos atletas, a abordagem pedagógica adotada e a relação estabelecida com as casas de acolhimento

Os principais resultados obtidos, neste estudo, foram os seguintes: i) dificuldades percebidas relativamente aos atletas acolhidos, atendendo ao histórico complexo e dificuldades associadas a que estão sujeitos (e.g., baixas competências socioemocionais, desafios na integração social, baixa confiança e desorganização em tarefas diárias), porém esta visão é equilibrada por uma percepção positiva que surge face à autonomia, à inteligência e ao bom comportamento que estes atletas apresentam; ii) impacto positivo e significativo da prática desportiva no desenvolvimento integral dos jovens, assim como no desenvolvimento de valores, de compromisso, de disciplina, responsabilidade, suporte, sentimento de pertença e perspectivas futuras; iii) relevância da adoção de abordagens positivas e individualizadas (e.g., atenção individualizada, constituição de grupos e utilização de atletas mais velhos); o evitamento de abordagens com um carácter mais agressivo e punitivo, uma vez que se pode repercutir em efeitos contrários aos objetivos pretendidos; e também devido às questões éticas relacionadas com a importância das crianças e dos jovens serem respeitados e encorajados; e iv) relação entre os treinadores e as casas de acolhimento residencial, apresentam alguns entraves e oportunidades, sendo que uma melhor comunicação entre ambos é fulcral para o desenvolvimento destes atletas acolhidos. Desta forma, destaca-se o papel essencial dos treinadores para a estimulação do desenvolvimento socioemocional, que, por sua vez, cria oportunidades para um crescimento mais adaptativo de competências menos desenvolvidas (e.g., autoestima e regulação emocional). Além disso, a prática desportiva demonstrou ser, igualmente, um instrumento importante na criação de relações interpessoais e na promoção do bem-estar emocional, que vai ao encontro da literatura (Hebard et al., 2021).

Uma força deste estudo prende-se com o facto de recorrer a uma metodologia qualitativa, bem como a um guião de entrevista semiestruturada, permitiu aceder às diversas perspectivas dos participantes de forma mais profunda e complexa, o que contribui para uma valorização e validação ecológica dos dados. Importa ainda referir que os treinadores, agentes pouco estudados neste domínio, têm um papel fundamental na vida destas crianças e jovens, pelo que se considera a análise das suas percepções como tendo sido outra força deste estudo. Por outro lado, as limitações deste estudo identificadas foram: i) o reduzido número de participantes, que não permitiu aprofundar

diferentes experiências dos treinadores; e a ii) escassez de literatura face a este tema. Já a escassez de literatura, como alguns estudos referem (e.g., Kamei et al., 2021), dificulta a comparação de resultados com investigações prévias e limita a realização de uma fundamentação teórica sólida. Posto isto, sugere-se que para investigações futuras se explore e realize mais estudos sobre este tema específico, pois seria útil comparar os resultados obtidos e aprofundar as diversas percepções dos treinadores e as respetivas atribuições de significados que lhes foram dadas. Além disso, propõe-se que estudos futuros utilizem mais medidas para recolher os dados que sejam, igualmente, mais autênticas como, por exemplo, a observação de treinos; recolha de dados antes e após a realização dos treinos, e antes e após os jogos; e, ainda, a realização das entrevistas em diferentes momentos da época desportiva. Estas sugestões poderão contribuir para uma compreensão mais profunda e para um estudo mais complexo.

A pertinência desta investigação passa por compreender as percepções dos treinadores e o seu impacto na vida destes jovens, precisamente porque as práticas que são facultadas, juntamente com a prática desportiva, devem-se basear no conhecimento que têm de cada atleta (e.g., características individuais). Os dados obtidos nesta investigação contribuem para a prática dos/as psicólogos/as em contexto de Acolhimento Residencial reforçando, deste modo, a importância que estes têm na promoção de relações positivas (e.g., dinamização de estratégias relacionais positivas) e na criação e personalização de modelos de intervenção inclusivos. Apesar de não existirem orientações específicas sobre a prática desportiva das crianças e jovens acolhidos, os/as psicólogos/as reconhecem que o desporto é uma componente fulcral para a promoção do bem-estar e do desenvolvimento integral dos mesmos (OPP, 2025). Para além destes resultados contribuir para a prática dos/as psicólogos/as, apresentam-se também como forças deste estudo, visto que reforçam a importância da criação de vínculos socioafetivos em crianças vulneráveis e provenientes de contextos familiares desestruturados (e.g., ausência de familiares próximos, abandono e maus-tratos) (dos Santos Cassol et al., 2021). Ademais, os dados obtidos têm igual relevância para outros agentes como, por exemplo, os treinadores, clubes, os cuidadores e, ainda, os responsáveis pelas casas de acolhimento, visto que todos desempenham um papel fulcral na criação de ambientes seguros e que promovem motivação intrínseca nas crianças e nos jovens (Rós & Gameiro, 2023).

Em suma, a sensibilização e capacitação destes profissionais, através de formações, por exemplo, é fundamental enquanto ferramenta que potencia não só a

inclusão, mas também a promoção de competências socioemocionais nesta população. Assim sendo, a articulação entre os psicólogos e os treinadores denota-se como bastante importante dado que permite não só uma abordagem mais eficaz, como potencia os benefícios físicos, emocionais e sociais da prática desportiva (Rós & Gameiro, 2023).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Alberto, I. (2002). Como pássaros em gaiolas. *Reflexões em torno da institucionalização de menores em risco*. In C. Machado & RA Gonçalves (Coords.), *Violência e vítimas de crimes*, 2, 223-245.
- Almeida, L., Dias, T., Corte-Real, N., Menezes, I., & Fonseca, A. (2025). Positive youth development through sport and physical education: a systematic review of empirical research conducted with grade 5 to 12 children and youth. *Physical Education and Sport Pedagogy*, 30(3), 282-308. <https://doi.org/10.1080/17408989.2023.2230208>
- Araújo, P., Oliveira, L., Fernandes, R., Martins, E., & Mendes, F. (2020). Institutionalization and Autonomy in Adolescents and Youth. In *European Proceedings of International Conference on Education and Educational Psychology*. European Publisher. <https://doi.org/10.15405/epicepsy.20111.28>
- Aşçi, F. H., Kelecek, S., & Altıntaş, A. (2015). The role of personality characteristics of athletes in coach–athlete relationships. *Perceptual and Motor Skills*, 121(2), 399-411. <https://doi.org/10.2466/30.PMS.121c17x9>
- Bingham, A. J. (2023). From data management to actionable findings: A five-phase process of qualitative data analysis. *International journal of qualitative methods*, 22, 16094069231183620. <https://doi.org/10.1177/16094069231183620>
- Bhatti-Sinclair, K., & Sutcliffe, C. (2012). What determines the out-of-home placement of children in the USA?. *Children and Youth Services Review*, 34(9), 1749-1755. <https://doi.org/10.1016/j.chilyouth.2012.05.004>
- Bruce, L., Pizzirani, B., Green, R., Quarmby, T., O'Donnell, R., Strickland, D., & Skouteris, H. (2019). Physical activity engagement among young people living in the care system: A narrative review of the literature. *Children and Youth Services Review*, 103, 218-225. <https://doi.org/10.1016/j.chilyouth.2019.05.034>

- Camiré, M., Santos, F. (2019). Promoting Positive Youth Development and Life Skills in Youth Sport: Challenges and Opportunities amidst Increased Professionalization. *Journal of Sport Pedagogy and Research*, 5(1), 27-34.
- Creswell, J. W., & Poth, C. N. (2016). *Qualitative inquiry and research design: Choosing among five approaches* (4^a ed.). Sage publications.
- Cropley, A. J. (2019, 2nd update, revised, and enlarged edition). *Qualitative research methods: A practice-oriented introduction for students of psychology and education*. Riga, Latvia: Zinātne. [doi:10.13140/RG.2.1.3095.68888](https://doi.org/10.13140/RG.2.1.3095.68888)
- Davis, L., & Jowett, S. (2014). Coach–athlete attachment and the quality of the coach–athlete relationship: Implications for athlete’s well-being. *Journal of sports sciences*, 32(15), 1454-1464. <https://doi.org/10.1080/02640414.2014.898183>
- Departamento de Desenvolvimento Social/Unidade de Infância e Juventude. (2024). *CASA 2023 - Relatório de Caracterização Anual da Situação de Acolhimento das Crianças e Jovens*. Instituto da Segurança Social.
- Diário da República (2018). Decreto Lei nº248-B/2008. Retrived from <https://dre.pt/web/guest/pesquisa/-/search/243744/details/normal?l=1>
- Diário da República. (s.d.). Lei nº 164/2019. Consultado em: <https://diariodarepublica.pt/dr/detalhe/decreto-lei/164-2019-125692191>
- Dollah, S., Abduh, A., & Rosmaladewi, M. (2017, September). Benefits and drawbacks of NVivo QSR application. In *2nd International Conference on Education, Science, and Technology (ICEST 2017)* (pp. 61-63). Atlantis Press. <https://doi.org/10.2991/icest-17.2017.21>
- dos Santos Cassol, M., da Rocha, A. A., & Maciel, E. F. (2021). A importância dos vínculos afetivos no desenvolvimento de crianças institucionalizadas. *Revista de Pesquisa e Prática em Psicologia*, 1(4), 760-786.

- Eime, R. M., Young, J. A., Harvey, J. T., Charity, M. J., & Payne, W. R. (2013). A systematic review of the psychological and social benefits of participation in sport for children and adolescents: informing development of a conceptual model of health through sport. *International journal of behavioral nutrition and physical activity*, *10*, 1-21. <https://doi.org/10.1186/1479-5868-10-98>
- Europeia, C. (2007). Livro branco sobre o desporto. *Luxemburgo: Serviço das Publicações Oficiais das Comunidades Europeias*. Disponível em: http://ec.europa.eu/sport/documents/white-paper/whitepaper-short_pt.pdf. Acesso em, 18.
- Fry, M., & Hogue, C. M. (2018). Psychological considerations for children and adolescents in sport and performance. In *Oxford research encyclopedia of psychology*. <https://doi.org/10.1093/acrefore/9780190236557.013.177>
- Gameiro, F., Ferreira, P. I. M., Rosa, B., & Pedro, A. (2023). Emotional and relational regulation of children and youth in residential care. *Studies in Social Sciences Review* <https://doi.org/10.54018/sssrv4n1-010>
- Harder, A. T., Eenshuistra, A., & Knorth, E. J. (2022). Feeling better: Experiences and needs of adolescents and professionals regarding their mentoring relationship in residential youth care. In *Child & Youth Care Forum* (Vol. 51, No. 3, pp. 613-631). New York: Springer US. <https://doi.org/10.1007/s10566-021-09645-x>
- Hebard, S. P., Oakes, L. R., Davoren, A. K., Milroy, J. J., Redman, J., Ehrmann, J., & Wyrick, D. L. (2021). Transformational coaching and leadership: athletic administrators' novel application of social and emotional competencies in high school sports. *Journal of Research in Innovative Teaching & Learning*, *14*(3), 345-364. <https://doi.org/10.1108/JRIT-01-2021-0006>
- Holmes, J. (2014). *John Bowlby and attachment theory*. Routledge. <https://doi.org/10.4324/9781315879772>

- Huefner, J. C., James, S., Ringle, J., Thompson, R. W., & Daly, D. L. (2010). Patterns of movement for youth within an integrated continuum of residential services. *Children and Youth Services Review*, 32(6), 857-864. <https://doi.org/10.1016/j.chilyouth.2010.02.005>
- Humphreys, K. L., King, L. S., Guyon-Harris, K. L., Sheridan, M. A., McLaughlin, K. A., Radulescu, A., ... & Zeanah, C. H. (2022). Foster care leads to sustained cognitive gains following severe early deprivation. *Proceedings of the National Academy of Sciences*, 119(38), e2119318119. <https://doi.org/10.1073/pnas.2119318119>
- Izzo, C. V., Smith, E. G., Holden, M. J., Norton, C. I., Nunno, M. A., & Sellers, D. E. (2016). Intervening at the setting level to prevent behavioral incidents in residential child care: Efficacy of the CARE program model. *Prevention Science*, 17, 554-564. <https://doi.org/10.1007/s11121-016-0649-0>
- Kamei, F., Pinto, G., Wiese, I., Ribeiro, M., & Soares, S. (2021). What evidence we would miss if we do not use grey literature?. In *Proceedings of the 15th ACM/IEEE International Symposium on Empirical Software Engineering and Measurement (ESEM)* (pp. 1-11). <https://doi.org/10.1145/3475716.3475777>
- Kendrick, A., Steckley, L., & Lerpiniere, J. (2008). Ethical issues, research and vulnerability: Gaining the views of children and young people in residential care. *Children's geographies*, 6(1), 79-93. <https://doi.org/10.1080/14733280701791967>
- Manso, J. M. M., García-Baamonde, M. E., Alonso, M. B., & Barona, E. G. (2011). An analysis of how children adapt to residential care. *Children and Youth Services Review*, 33(10), 1981-1988. <https://doi.org/10.1016/j.chilyouth.2011.05.024>
- Mata, R. T., & Gomes, A. R. (2016). Relação treinador-atleta: Teoria, investigação e intervenção. In D. Bartholomeu, J. M. Montiel, A. A. Machado, A. R. Gomes, G. Couto, & V. Cassep-Borges (Eds.), *Relações interpessoais: Concepções e contextos de intervenção e avaliação* (pp. 155-174). São Paulo: Vetor.

- Matte-Landry, A., & Collin-Vézina, D. (2024). Patterns of change in restrictive measures in residential care: Trauma-informed staff training benefits children and youth who need it the most. *Child Abuse & Neglect*, *147*, 106576. <https://doi.org/10.1016/j.chiabu.2023.106576>
- Montserrat, C., Delgado, P., Garcia-Molsosa, M., Carvalho, J. M., & Llosada-Gistau, J. (2021). Young teenagers' views regarding residential care in Portugal and Spain: A qualitative study. *Social Sciences*, *10*(2), 66. <https://doi.org/10.3390/socsci10020066>
- Onwuegbuzie, A. J., & Collins, K. M. (2007). A typology of mixed methods sampling designs in social science research. *Qualitative report*, *12*(2), 281-316.
- Ordem dos Psicólogos Portugueses (2021). *Código Deontológico da Ordem dos Psicólogos Portugueses - versão consolidada*. Recuperado de: Código Deontológico - Ordem dos Psicólogos (ordemdospsicologos.pt)
- Ordem dos Psicólogos Portugueses. (2025). *Linhas de Orientação para a prática profissional no acolhimento residencial de crianças e jovens*. https://www.ordemdospsicologos.pt/ficheiros/documentos/opp_linhasdeorientacao_acolhimentoresidencialdecriancasejovens.pdf
- Pinto, R. J., & Maia, Â. C. (2013). Psychopathology, physical complaints and health risk behaviors among youths who were victims of childhood maltreatment: A comparison between home and institutional interventions. *Children and Youth Services Review*, *35*(4), 603-610. <https://doi.org/10.1016/j.chilyouth.2013.01.008>
- Portuguese Institute for Sport and Youth (2015). Message from the honorable Secretary of State for Sport and Youth. Retrieved from <http://www.pned.pt/media/31485/Code-of-SportsEthics.pdf>

- Potvin, P., & Bélanger, M. (2024). Could recent advances and new perspectives in science education and conceptual change improve public understanding of science?. *Frontiers in Communication*, 9, 1404875. <https://doi.org/10.3389/fcomm.2024.1404875>
- Quarmby, T., & Pickering, K. (2016). Physical activity and children in care: A scoping review of barriers, facilitators, and policy for disadvantaged youth. *Journal of Physical Activity and Health*, 13(7), 780-787. <https://doi.org/10.1123/jpah.2015-0410>
- Rós, S., & Gameiro, F. (2023). Crianças e jovens com medida de acolhimento residencial: a importância da arte e do desporto como estratégia de intervenção social. *Revista Temas Sociais*, (4), 50-67. https://doi.org/10.53809/TS_ISS_2023_n.4_50-67
- Santos, L. F., Pinheiro, M. D. R. C., & Rijo, D. M. (2023). Compassionate Mind Training for Caregivers in Residential Youth Care: Investigating their Experiences Through a Thematic Analysis. *Mindfulness*, 14(11), 2807-2823 <https://doi.org/10.1007/s12671-023-02239-9>
- Soriano-Díaz, C., Moreno-Manso, J. M., García-Baamonde, M. E., Guerrero-Molina, M., & Cantillo-Cordero, P. (2022). Behavioral and emotional difficulties and personal wellbeing of adolescents in residential care. *International journal of environmental research and public health*, 20(1), 256 <https://doi.org/10.3390/ijerph20010256>
- Sousa, M., Peixoto, M., Cruz, O., & Cruz, S. (2023). Academic performance in institutionalized and noninstitutionalized children: The role of cognitive ability and negative lability. *Children*, 10(8), 1405. <https://doi.org/10.3390/children10081405>
- Super, S., Hermens, N., Verkooijen, K., & Koelen, M. (2018). Examining the relationship between sports participation and youth developmental outcomes for socially vulnerable youth. *BMC public health*, 18, 1-12. <https://doi.org/10.1186/s12889-018-5955-y>

- Teques, A. P., de Oliveira, R. F., Bednarikova, M., Bertollo, M., Botwina, G., Khomutova, A., ... & Teques, P. (2024). Social and Emotional Skills in at-Risk Adolescents through Participation in Sports. *Sports, 12*(7), 181. <https://doi.org/10.3390/sports12070181>
- Tyler, P. M., Aitken, A. A., Ringle, J. L., Stephenson, J. M., & Mason, W. A. (2021). Evaluating social skills training for youth with trauma symptoms in residential programs. *Psychological Trauma: Theory, Research, Practice, and Policy, 13*(1), 104–113. <https://doi.org/10.1037/tra0000589>
- UNESCO. (1978). Carta Internacional de Educação Física e do Desporto.
- United Nations. (1989). United Nations Convention on the Rights of the Child, 61th plenary meeting. Paper presented at the Committee on the Rights of the Child, New York. <http://www.un.org/documents/ga/res/44/a44r025.htm>
- Van der Veken, K., Lauwerier, E., & Willems, S. J. (2020). How community sport programs may improve the health of vulnerable population groups: a program theory. *International journal for equity in health, 19*, 1-12. <https://doi.org/10.1186/s12939-020-01177-5>
- Vanschoonlandt, F., Vanderfaeillie, J., Van Holen, F., De Maeyer, S., & Robberechts, M. (2013). Externalizing problems in young foster children: Prevalence rates, predictors and service use. *Children and youth services review, 35*(4), 716-724. <https://doi.org/10.1016/j.chilyouth.2013.01.015>
- Vella, S., Oades, L., & Crowe, T. (2011). The role of the coach in facilitating positive youth development: Moving from theory to practice. *Journal of applied sport psychology, 23*(1), 33-48. <https://doi.org/10.1080/10413200.2010.511423>

ANEXOS

Anexo 1. Guião de Entrevista utilizado com os Treinadores

Dimensões de aspetos a explorar	Questões
<p align="center">Apresentação:</p> <p>A entrevista, no âmbito de um estudo sobre a prática desportiva e jovens em Acolhimento Residencial, visa atingir os seguintes objetivos; consentimento informado; dúvidas ...</p>	<p align="center">-----</p>
<p align="center">Dados Sociodemográficos; Percorso dos Treinadores</p>	<ol style="list-style-type: none"> 1. Idade; Género 2. Habilitações 3. Profissão (para além de treinador/a) 4. Há quantos anos é treinador/a? 5. Que modalidade treina? Que escalões? Em que clubes? Quantas horas por semana? 6. Fez alguma formação para ser treinador/a? 7. Já frequentou alguma formação sobre a prática desportiva de crianças e jovens vulneráveis? 8. Quantos jovens em AR treina? Trabalha há quanto tempo com estas crianças/ jovens?

<p>Impactos e Benefícios da prática desportiva nas crianças e jovens em AR – Perspetiva dos Treinadores</p>	<p>9. Que impactos positivos observa na prática desportiva por parte das crianças e jovens em AR? (impacto emocional; autoestima; social; integração na comunidade; comportamentos de risco; académico; ...)</p> <p>10. Tendo em conta a sua experiência, a prática desportiva ajuda a reduzir os comportamentos de risco? Como?</p> <p>11. Em que medida a prática desportiva ajuda os jovens a adaptarem-se ao contexto desportivo?</p> <p>12. E qual a importância da prática desportiva na vida destas crianças e jovens (AR)?</p> <p>13. Por palavras suas o que acha que o desporto/prática desportiva ensina a estas crianças/jovens?</p>
<p>Experiência do Treinador/a e Abordagem Pedagógica junto dos seus Atletas</p>	<p>14. Que palavras usaria para descrever as crianças e jovens em AR?</p> <p>15. Nota alguma especificidade nestas crianças/jovens em comparação com as crianças/jovens que vivem com as suas famílias?</p> <p>16. Que estratégias pedagógicas costuma utilizar para motivar e envolver as crianças/jovens em AR nas atividades?</p> <p>17. A sua abordagem pedagógica é semelhante ou é diferente, junto destas crianças/jovens?</p> <p>18. Na sua opinião, que estratégias pedagógicas resultam melhor, junto destas crianças/jovens? E que estratégias pedagógicas resultam pior, junto destas crianças/jovens?</p>

	<p>19. Da sua experiência, há aspetos específicos a ter em conta na forma de lidar com estas crianças/jovens?</p> <p>20. Que palavras usaria para descrever o seu papel na vida destas crianças/jovens?</p>
<p>Relação dos Treinadores com as Casas de Acolhimento</p>	<p>21. Que palavras usaria para descrever a sua relação com as casas de acolhimento?</p> <p>22. Existe alguma comunicação regular entre si (enquanto treinador/a) e as casas de acolhimento residencial onde os jovens estão inseridos?</p> <p>23. Como é que essa comunicação acontece (reuniões, contactos informais, relatórios, etc.)? Enquanto treinador/a partilha com a casa de acolhimento informações sobre as crianças/jovens, com base no que observa nos treinos/jogos?</p> <p>24. Acha que a colaboração entre treinadores e casas de acolhimento é suficiente? Porquê?</p> <p>25. Como é que essa informação influencia a sua abordagem durante os treinos ou competições?</p>

Guião adaptado: Cunha, 2017

Anexo 2. Modelo de Consentimento Informado para as Casas de Acolhimento e para os Treinadores



CATOLICA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO E PSICOLOGIA

PORTO

CONSENTIMENTO INFORMADO

Aceito participar no estudo subordinado ao tema “Prática Desportiva de Crianças e Jovens em Acolhimento Residencial” em curso na Universidade Católica Portuguesa, Faculdade de Educação e Psicologia, no Porto. Declaro que compreendi a informação facultada acerca do estudo em que irei participar, nomeadamente o carácter voluntário da minha participação, tendo-me sido dada a oportunidade de pedir esclarecimentos necessários. Tomei conhecimento de que será assegurada a confidencialidade dos dados e que poderei abandonar o estudo a qualquer momento, sem que daí advenham quaisquer desvantagens.

Percebi que para qualquer esclarecimento adicional ou para conhecer os resultados da investigação, poderei contactar a responsável do estudo, Professora Luísa Mota Ribeiro, através do seguinte e-mail: lmribeiro@ucp.pt.

Anexo 3. Transcrição de Entrevista (5)

Entrevista 5

P5 – Olá bom dia!!

E – Bom dia, tudo bem? o meu estudo é sobre a prática desportiva de jovens adolescentes em acolhimento residencial, mas focado nas perceções e impacto dos treinadores. Então, era, para sabermos um pouco mais da sua função enquanto treinador nestes jovens em acolhimento residencial, o seu papel, entre outras coisas. Eu criei aqui um pequeno guião, só para nos irmos orientando, ok?

P5 – Ok. Podemos começar.

E – A primeira parte é sobre os dados sociodemográficos e o seu percurso enquanto treinador, a sua idade, género, habilitações, profissão, há quanto tempo é que é treinador, ...

P5 – Sou do género masculino e tenho 42 anos. Sou formado em Educação Social e trabalho numa casa de Acolhimento Residencial, onde sou diretor atualmente.

(pausa)

P5 – Desde cedo percebi que o desporto era uma ferramenta essencial para mudar a vida das crianças e jovens com quem eu trabalhava. Fiz parte de várias equipas militares e de futebol, mas, entretanto, descobri que o rugby era um desporto fantástico para moldar crianças e jovens e para conseguir chegar a eles e trabalhá-los de uma forma holística na vertente educacional. Então decidi focar-me no treinador de rugby, tenho dois cursos, treinador de rugby grau 1 e tenho o curso de treinador de rugby de 7's. Criei uma escolinha de rugby que se chama [...], a, não sei se ouviu falar.

E – Não, não.

P5 – Um projeto de intervenção social, ou seja, utilizam o desporto e a prática do desporto como ferramenta para potenciar jovens e crianças jovens em três vertentes, desporto, saúde e educação. E todos os treinadores que nós lá temos neste momento fazem um bocadinho isto, ou seja, utilizam o desporto como uma ferramenta de trabalho para mudar a vida destes jovens. Nós temos jovens do sexo masculino e do sexo feminino de casas de acolhimento residencial e não só. Temos miúdos que querem jogar rugby e só. E isso aí é um dos credos do processo, ou seja, nós utilizamos a inclusão como ferramenta e os modelos de referência positivos dos miúdos que não têm qualquer tipo de problema para potenciar no miúdo das casas de acolhimento residencial Por exemplo, imaginemos, temos aqui um miúdo que joga rugby e que não tem pai. E a figura paterna é um bocado ausente ou nunca teve a figura paterna. Ele pode ver o que é que é uma figura paterna correta muitas vezes nos pais dos colegas que queiram com ele no rugby, por exemplo, ou até em mim na figura do treinador. E é isso que nós tentamos fazer.

E – Neste momento quantos jovens em Acolhimento residencial treina?

P5 – Nós temos notado que nós neste momento aqui das 40 crianças acolhidas, oito são treinadas por um clube que eu formei, não é? Eu por mim, uns são por mim, a maior parte são por mim e outros são com outros treinadores. Mas o que é certo é que nós temos melhorias em tudo. Desde a parte escolar, desde a parte, por exemplo, muitas vezes alguns vêm aqui com problemas de consumos ou com problemas de cada vez mais se vê, problemas associados a compulsões de videojogos e computadores. Ou seja, nós temos, existe um decréscimo acentuado em todos estes problemas. Graças à prática desportiva.

E – E quantas vezes é que dá treino por semana?

P5 – Ora bem, eu dou a vários escalões, eu muitas vezes chego a dar três, quatro treinos por semana. Quatro treinos não, quatro dias, porque eu, por exemplo, ainda ontem treinei dois escalões. Treinei um das seis às sete e treinei outro das sete às oito.

E – E agora, focando agora só mesmo nos jovens em acolhimento residencial, trabalha há quanto tempo com eles no desporto?

P5 – No desporto, sendo treinador deles? Deles, com miúdos de casas de acolhimento residenciais?

E – Sim, sim, isso mesmo.

P5 – Desde 2013, ou seja, há 12 anos. 12 anos, foi muito tempo mesmo.

E – Pelo que eu percebi, que também me disse que tem notado melhorias dos jovens a nível social e isso, no nível da integração da comunidade e comportamentos de risco, que também falou, tem notado impactos positivos?

P5 – Muitos impactos positivos. Por exemplo, eu há uns tempos fiz um projeto que até foi financiado pelo Portugal da Inovação Social e o nosso estudo de caso era um jovem, precisamente, que tinha vindo de uma habitação social, que tinha passado por uma casa de acolhimento residencial e foi o pai toxicodependente, a mãe tem um problema cognitivo, o irmão também é de casa de acolhimento e neste momento o miúdo está a terminar o curso de enfermagem, ou seja, esse foi um dos primeiros miúdos que eu tive de casa de acolhimento há 12 anos atrás. Está a terminar o curso de enfermagem e fez sempre o processo dele acompanhado por nós. Eu enquanto treinador dele e ele, pronto, mudou-lhe a vida e conseguiu quebrar ali um ciclo da família, é o primeiro licenciado da família e é alguém que está a ter, pronto, que está de trabalho, estuda, ajuda também, já é treinador também, ou seja, é sinal de que o modelo de referência foi positivo e que ele conseguiu mudar a vida dele.

E – E na sua opinião, qual é a importância do desporto nestes jovens?

P5 – Para mim a importância é enorme, não é que parava uma necessidade básica como comer, mas quase. Porquê? Porque muda vidas, estabiliza comportamentos, define objetivos e acima de tudo disciplina muito os atletas, o miúdo em termos de ser o ser humano, em termos de cumprir determinadas etapas. O desporto é muito bom para isso. Porquê? Porque ele quase que

replica aquilo que faz nos treinos e depois na vida. E para os miúdos a casa de acolhimento é muito importante. Porquê? Porque os ensina quase a traçar um plano e eles perceberem que, por exemplo, no rugby isso ainda tem uma importância maior. Porquê? Porque eles dizem assim, se eu tenho coragem, se sou capaz de enfrentar 15 adversários num campo e que são maiores que eu, são mais fortes que eu, porquê é que eu não consigo ir à escola e estar concentrado durante duas horas ou três? Porquê é que eu não consigo estudar para um teste? Se faço uma coisa muito mais difícil que é entrar num campo de rugby que necessita ter muito mais coragem. E esse paralelismo muitas vezes ajuda hoje na vida. E cria-lhes disciplina e método. Que é uma coisa que eles faltam bastante nas casas de acolhimento.

E – Sem dúvida alguma. Agora focando na sua abordagem pedagógica, nota-se alguma especificidade destes jovens em acolhimento residencial com os outros jovens que treinam no sentido de acompanhamento? Por exemplo, se têm os pais a ver os treinos, se não têm ...

P5 – Noto.

(pausa)

P5 – Aí tem de ser o treinador que tem de combater um bocadinho esse aspeto. Por exemplo, eu só tenho durante uma época desportiva, eu tenho aqui muitos miúdos, a maior parte dos miúdos, ou seja, o maior número de miúdos aqui acolhidos que estão lá na casa, lá no clube, são sub-16. O mesmo escalão, 8 ou 9 que eu tenho aqui a jogar rugby, 4 ou 5 são do mesmo escalão, são sub-16. Obviamente, eles já fizeram este ano, sei lá, já 20 e tal jogos. Têm pais que vão sempre ver os jogos e eles nunca têm os pais a verem os jogos. Cabe um bocadinho ao treinador combater essa falha. Ou seja, nesses momentos em que os pais estão lá no final do jogo, até a conversar, o treinador se calhar tem que ter aquela apetência para nos puxar, para falar mais com eles, para eles perceberem que apesar de não terem ali ninguém, tem ali um adulto que está orgulhoso deles, que está orgulhoso do trabalho deles, que os corrija de certa forma, como um pai que muitas vezes tem aquele vício que não deve fazer, mas que corrija o filho, que existem essas necessidades, muitas vezes eles terem esse feedback de alguém e o treinador muitas vezes tem que ter esse papel.

E – Então considera que a sua abordagem pedagógica é diferente? Altera a sua abordagem pedagógica com os jovens que estão em acolhimento residencial e com os outros que não estão? Ou acaba nos treinos terem a mesma abordagem?

P5 – Não, nos treinos, porque eles são inteligentes, eles percebem. Tenho, decididamente, a mesma abordagem com todos. Tanto chamo a atenção ao miúdo da casa de acolhimento, ou seja, são iguais, como a questão de princípios, até o grande grupo depois sente isso, se houver ali uma perceção positiva ou negativa. Eu acho que a única diferença é no pós-treino, no contacto individual com os jovens, que eu sei que eles têm essa limitação, então, porque a motivação com eles tem que ser diferente de muitas vezes dos outros jovens, porque

imaginemos, o jovem muitas vezes chega à casa e no dia seguinte tem treino, mas está cansado, ou não se quer deitar cedo, e tem ali o pai, ou a mãe, ou um adulto que é capaz de o acompanhar e dizer, olha, amanhã tens treino, tens que deitar cedo, amanhã tens treino, tens que ir, não te podes atrasar, não é? Esse papel muitas vezes tem de ser feito pelo treinador com estes miúdos. Ou seja, o pós-treino é que acho que tem de ser o principal segredo. Porque até desistir para estes miúdos é superior a um miúdo que tenha um acompanhamento em casa.

E – Então aqui na questão, isto aqui acaba, digamos que há uma estratégia pedagógica que acaba por utilizar com eles e que funciona bem, e assim uma estratégia que não funciona tão bem, que não seja tão positiva junto destes jovens. Que não funcione tão bem?

P5 – Exemplo do grande grupo, por exemplo, muitas vezes nós utilizamos a pressão do grupo como fator de motivação para um atleta, não é? Nestes jovens geralmente tende a não, é que isso não resulta tão bem. Eu dou um exemplo, por exemplo, imaginemos que eu tenho o João e o Manuel numa equipa. O João é de acolhimento, o Manuel não é. Muitas vezes, se eu disser ao João, junto do grande grupo, atenção, falhaste com a tua equipa, a tua equipa estava a contar contigo, tu não vieste, ou não fizeste isto, ou não fizeste aquilo, essa abordagem muitas vezes tem de ser, entre aspas, mais cuidadosa, porque a tendência, a confiança muitas vezes nestes miúdos não é equiparada a miúdos que muitas vezes não passam por situações de acolhimento. Eles não entendem por defeito a ver isso como uma exposição ao grande grupo e como se o adulto estivesse a desistir deles. É uma coisa que nós temos de ter muita atenção a isso. Há miúdos que até se pode fazer isso, que não ligam tanto. Mas, pela minha experiência, geralmente essa exposição nunca acaba por correr muito bem. E isso funciona como contraponto para a motivação deles, não é?

E – Claro, exato. E assim, para acabarmos esta parte aqui da abordagem pedagógica, que palavra é que usaria para descrever o seu papel na vida destes jovens?

P5 – Um promotor da mudança, possivelmente.

E – Sim, sem dúvida, também acho isso. Agora, para acabarmos aqui a nossa entrevista, era para focar aqui um pouco mais a sua relação com a casa de acolhimento, que já percebi que também é próxima, não é? É suficiente? Como é que é feita?

P5 – É uma relação boa. Pronto, eu tento diferenciar muito a minha postura enquanto diretor aqui na casa e enquanto treinador e presidente do clube lá, não é? O que é que eu faço? Por exemplo, os miúdos aqui, os miúdos no campo chamam-me treinador, todos. Lá sou treinador. Lá eles sabem perfeitamente que não, que não se distingue, a questão, eu lá sou treinador, não trato de assuntos da casa. E aqui, se trato de assuntos da casa, não trato de assuntos de treinador. Depois, o que eu tento fazer é normalizar as situações o mais possível. Há uma linha de comunicação, a casa tem técnicos aqui responsáveis pelos miúdos, aqui eu delego funções. Esses técnicos entram em contato com os diretores do clube, não é? E depois eles articulam as

saídas a jogos, as passagens que muitas vezes têm de passar a fim de semana fora, porque vão jogar ainda a semana passada, foram a Lisboa. Se vão ter de passar lá de sexta a domingo, foi tudo articulado com o clube. Ou seja, a comunicação é muito fluida e muito boa. Porquê? Porque eu também tenho a sorte de conhecer bem as outras instituições e conseguir colocar as pessoas mais importantes em termos de comunicação de cada entidade para que a comunicação fluísse de uma forma muito fácil e rápida e que as coisas acontecessem de uma forma muito natural. Por isso, eu acho que a comunicação entre a casa de acolhimento e os clubes...

E – Mas a informação que os outros técnicos lhe dão nesta comunicação às vezes muda a sua abordagem nos treinos com os jovens? Ou foi como disse, separa as coisas?

P5 – Não, não. Por exemplo, imaginemos que eu tenho um miúdo que é muito, entre aspas, o que a casa me diz. Ele calcula muitas coisas, é muito pensativo, pondera, até para o mal, não é? Eu vou utilizar uma posição específica no ring, que é, por exemplo, formação, e vou ensiná-lo a jogar essa posição, porque eu sei que a característica mental daquele miúdo potencia que ele joga ali, naquela posição. Imaginemos que eu tenho outro miúdo que é muito explosivo, que é muito reativo, que faz muitas... que atua sem pensar, muitas vezes. Eu já vou utilizar a outra posição e vou adaptar a informação que a casa me deu para o colocar naquela posição, para o potenciar e para utilizar. E pelo utilizar aquilo que muitas vezes, as competências que ele tem, muitas vezes, só utiliza para fazer mal, entre aspas, ou para não fazer uma coisa tão correta, para utilizá-la no desporto e para perceber que as competências que ele tem podem ser utilizadas para fazer uma coisa boa, para fazer uma coisa... E o desporto é um ponto de partida. É o que eu faço.

E – Na sua perspetiva e com a sua experiência, como é que descreve estes jovens em Acolhimento Residencial?

P5 – São jovens, geralmente, geralmente, com problemas associados à confiança. Todos eles foram vítimas, porque a maior parte deles são crianças e jovens, foram vítimas de más decisões de adultos, não só de familiares, mas, muitas vezes, o próprio sistema. Ou seja, porque foram retirados ou tarde demais, ou porque, se calhar, foram retirados cedo demais e não foi dada uma oportunidade à família, ou porque poderiam estar mais tempo com a família e não estão, ou deviam estar menos tempo com a família e estão mais tempo, ou seja, existe um conjunto de situações que os trouxe até aqui. E existe uma falta de confiança associada, grande parte das vezes. Outra coisa que existe, que é muito difícil conseguir, é a confiança destes jovens. Ou seja, para darem a confiança deles a alguém, porque muitas vezes já foram tantas vezes abandonados, já foram tantas vezes enganados, para confiarem novamente em alguém, é preciso um tempo. É difícil, é difícil, por isso eu acho que eles são estes dois grandes, em termos de personalidade, aquilo que eles geralmente ganham.

E – Da minha parte é tudo. Obrigada pela sua disponibilidade e pela partilha de informação tão importante. Continuação de uma boa época desportiva.

Anexo 4. Sistema de Categorias

1. Percepções dos Treinadores sobre os seus atletas que se encontram em Acolhimento Residencial

- 1.1. Baixas Competências Socioemocionais
- 1.2. Desafios na Integração Social
- 1.3. Baixa Confiança
- 1.4. Assertividade em Contexto Desportivo
- 1.5. Desorganização em Tarefas Diárias
- 1.6. Histórico Familiar Complexo
- 1.7. Elevada Autonomia
- 1.8. Inteligência
- 1.9. Bom Comportamento

2. Impactos e Benefícios que os Treinadores identificam na Prática Desportiva das Crianças e Jovens em Acolhimento Residencial

2.1. Transformação Pessoal

- 2.1.1. Crescimento Integral das Crianças e Jovens
- 2.1.2. Criação de Relações Interpessoais
- 2.1.3. Desenvolvimento de Valores
- 2.1.4. Evolução Social

2.2. Aprendizagens Novas

- 2.2.1. Promoção da Regulação Emocional
 - 2.2.1.1. Aquisição de Competências Comportamentais
 - a) Disciplina e Responsabilidade
 - b) Diminuição de comportamentos de Risco
 - c) Noção de Compromisso

2.3. Construção de Vínculos

- 2.3.1. Criação de uma Base de Suporte
- 2.3.2. Valorização do Sentimento de Pertença

2.4. Novas Perspetivas

- 2.4.1. Projecção de Horizontes

3. Abordagens Pedagógicas utilizadas pelos Treinadores com os seus atletas em Acolhimento Residencial

3.1. Abordagens Positivas

- 3.1.1. Atenção Individualizada
- 3.1.2. Utilização de Atletas mais Velhos como Suporte
- 3.1.3. Constituição de Grupos
- 3.1.4. Criação de um Espaço Seguro

3.2. Abordagens Negativas

- 3.2.1. Evitamento de Abordagens Negativas

4. Relação do Treinador com as Casas de Acolhimento Residencial

4.1. Envolvimento e Abertura Organizacional

- 4.1.1. Flexibilidade
- 4.1.2. Menor Flexibilidade

4.2. Comunicação e Feedback

- 4.2.1. Suficiente
- 4.2.2. Insuficiente
- 4.2.3. Formas de Comunicação
 - 4.2.3.1. Adotadas pelos Treinadores (e.g., relatórios mensais)
 - 4.2.3.2. Adotadas pelas Casas de Acolhimento Residencial (e.g., telefonemas)

Anexo 5. Codificação e Categorização com descrição das categorias

1. Perceções dos Treinadores sobre os seus Atletas que se encontram em Acolhimento Residencial

Codifica todos os enunciados que estejam relacionados com as perceções dos treinadores em relação aos seus atletas em Acolhimento Residencial

Código	Designação	Número de Fontes	Número de Referências	Exemplo dos Dados
1.1.	Baixas Competências Socioemocionais	5	10	7M19FB: <i>“Claramente, eles têm problemas emocionais e baixa autoestima e com o desporto melhoram muito.”</i>
1.2.	Desafios na Integração Social	4	6	6M33BKT: <i>“...era uma miúda muito mais fechada e realmente começou a tornar-se diferente nesse aspeto ...”</i>
1.3.	Baixa Confiança	3	5	5M42RB: <i>“...a confiança muitas vezes nestes miúdos não é equiparada a miúdos que muitas vezes não passam por situações de acolhimento.”</i>
1.4.	Assertividade em Contexto Desportivo	3	4	4M39FB: <i>“...atleta que é a X, a que está em acolhimento residencial. vi logo que ela era diferenciada em vários sentidos, porque ela jogava no masculino, e ela basicamente no fim pegou-se com o rapaz e não se baixou, ou seja, ela foi para cima do rapaz com o que é que queres, ou seja, notou-se logo que ela tinha de ter alguma coisa diferenciada (...).”</i>

1.5.	Desorganização em Tarefas Diárias	3	3	1F22VL: “É uma jovem um bocado fugida de escola e tudo mais, terapia e tal, ela costumava fugir um pouco ...”.
1.6.	Histórico Familiar Complexo	3	3	1F22VL: “Porque ela viveu sempre rodeada, histórico familiar, muito complicado.”
1.7.	Autonomia	2	2	2M32AM: “Conseguem ser muito mais autónomos.”
1.8.	Inteligência	1	1	5M42RB: “... eles são inteligentes ...”.
1.9.	Bom Comportamento	1	1	2M32AM: “... a nível comportamental eles ali portam-se bem ...”.
2. Impactos e Benefícios que os Treinadores identificam na Prática Desportiva das Crianças e Jovens em Acolhimento Residencial				
Codifica todos os enunciados que referem os Impactos e Benefícios que os Treinadores identificam na Prática Desportiva das Crianças e Jovens em Acolhimento Residencial				
2.1. Transformação Pessoal				
Codifica todos os enunciados referentes ao desporto como uma ferramenta fulcral de mudança nos atletas que se encontram em Acolhimento Residencial				
2.1.1.	Crescimento Integral dos Jovens	6	16	3M46BCR: “... ele tem vindo a desenvolver nesse sentido bastantes coisas na vida, quer a nível intelectual, quer a nível físico também.”

2.1.2.	Criação de Relações Interpessoais	7	16	2M32AM: “Onde tens amigos para a vida, tens pessoas que acabam por encontrar pessoas que lhes vão abrir outras portas. E para esses jovens é extremamente importante também adquirirem um bocadinho dessa parte da confiança das outras pessoas ...”
2.1.3.	Desenvolvimento de Valores	6	14	7M19FB: “...o desporto é um pilar fundamental de valores, todo o tipo de valores. Ele vai levar certamente para a vida dele.”
2.1.4.	Evolução Social	7	14	6M33BKT: “...claramente notava-se que ela evoluiu muito com o basquete, do ponto de vista... Como é que eu ia dizer? Socio-afetivo, ou seja, era uma miúda muito mais fechada e realmente começou a tornar-se diferente nesse aspeto. Eu acho que o basquete ajudou muito.”
2.2.Aprendizagens Novas				
Codifica todos os enunciados refletem aprendizagens novas que a prática desportiva proporciona aos atelas em Acolhimento Residencial				
2.2.1. Promoção da Regulação Emocional				

Codifica todos os enunciados que refletem que através da prática desportiva existe uma regulação mais adaptativa perante situações de tensão emocional (e.g., frustração, ansiedade, ...)

2.2.1.1.Aquisição de Competências Comportamentais

Codifica todos os enunciados que revelam que a prática desportiva potencia a aquisição de Competências Comportamentais

a)	Disciplina e Responsabilidade	5	7	5M42RB: “... (...)E criou-lhes disciplina e método ...”
b)	Diminuição de Comportamentos de risco	4	5	5M42RB: “Mas o que é certo é que nós temos melhorias em tudo. Desde a parte escolar, desde a parte, por exemplo, muitas vezes alguns vêm aqui com problemas de consumos ou com problemas de cada vez mais se vê, problemas associados a compulsões de videojogos e computadores. Ou seja, nós temos, existe um decréscimo em todos estes problemas. Graças à prática desportiva.”
c)	Noção de Compromisso	2	2	1F22VL: “Eu acho que lhe deu ali um pouco de compromisso ...”

2.3.Construção de Vínculos

Codifica todos os enunciados que revelam a existência de construção de vínculos

2.3.1.	Criação de uma Base de Suporte	5	6	1F22VL: “...depois, na afirmação, era muito, pronto, ok, eles tomam conta, são carinhosos e tudo mais (...)Então, acho que foi um pouco mais nessa parte, assim, como se é tipo um ombro, estás a ver, para ela, ela é uma base de suporte.”
2.3.2.	Valorização do Sentimento de Pertença	3	5	1F22VL: “Os próprios pais tinham um sentido de ajuda, de colaboração, sentiam que ela precisava de tudo o que fosse necessário. Aliás, ela fez 12 anos e eles fizeram questão de fazer-lhe uma pequena festa.”

2.4.Novas Perspetivas

Nesta categoria estão incluídas todas as mudanças demonstradas pelos atletas em acolhimento residencial, face, ao modo como se veem a si próprios e ao seu respetivo futuro

2.4.1.	Projeção de Horizontes	5	8	3M46BCR: “Inclusive acho que foi o desporto que lhe permitiu também escolher uma área, quando ele está a tirar agora o ensino superior, que está aumentando a área do desporto, porque se não fosse o desporto ele não acabaria o 12º ano. Se não, não escolheria nenhum curso.”
--------	------------------------	---	---	---

3. Abordagens Pedagógicas utilizadas pelos Treinadores com os seus atletas em Acolhimento Residencial

Codifica todos os enunciados que referem as abordagens utilizadas pelos Treinadores com os seus atletas em Acolhimento Residencial

3.1. Abordagens Positivas

Nesta categoria estão incluídas todas as estratégias que se evidenciaram como positivas junto dos atletas em Acolhimento Residencial

3.1.1.	Atenção individualizada	5	8	4M39FB: “A nível pessoal tinha um pouco mais de atenção com ela, por causa da situação dela naturalmente.”
3.1.2.	Utilização de Atletas mais Velhos como Suporte	2	2	2M32AM: “Colocar os jovens mais velhos que eu tenho comigo, que estão comigo há 10 anos. Eu tenho jovens que começaram com 7, hoje têm 17 comigo. Por isso conhecem-me na perfeição. Nada melhor do que ser esses jovens a passar depois o transfere para esses jovens que vêm dessas casas de acolhimento. E foi isso que eu fiz. Basicamente incluí 3 de cada vez, com os meus 3 mais velhos. Quando achei que eles já estavam incluídos, por assim dizer, dentro do grupo, recebi mais 3 jovens da parte do acolhimento, chegamos a ter 9, mas neste momento temos 8. Sempre em grupos de 3, a vir entrar na academia.”

3.1.3.	Constituição de Grupos	1	1	2M32AM: “Inicialmente começámos com grupos, para ser mais fácil a inclusão deles (...)Mesmo até foi um critério que eu defini com as instituições, a não mandar os oito de cada vez, porque senão eles iam se sentir demasiado em casa, por assim dizer.”
3.1.4.1.	Criação de um Espaço Seguro	3	3	7M19FB: “Não sempre, porque também é importante, mas em momentos especiais ou em momentos de reincidência, eu tento colocá-lo numa zona mais de conforto, para ele também se sentir mais confortável e não se mutar tanto. (...) E eu, nesse momento, tento colocar outra dinâmica de exercício para evitar essa frustração maior.”
3.1. Abordagens Negativas				
Nesta categoria estão incluídas as abordagens que não eficazes com as crianças e jovens em Acolhimento Residencial				
				5M42RB: “Exemplo do grande grupo, por exemplo, muitas vezes nós utilizamos a pressão do grupo como fator de motivação para um atleta, não é? Nestes jovens geralmente tende a não, é que isso não resulta tão bem. (...)...É uma coisa que nós temos de ter muita atenção a isso. Há miúdos que até se pode fazer isso, que não ligam tanto. Mas, pela minha experiência,

3.2.1.	Evitamento de Abordagens Negativas	4	4	<i>geralmente essa exposição nunca acaba por correr muito bem.”</i>
4. Relação do Treinador com as Casas de Acolhimento Residencial				
Codifica todos os enunciados que revelam de que forma os Treinadores estabelecem relação com as Casas de Acolhimento Residencial e como é que estas, por sua vez, estabelecem essa relação com os Treinadores				
4.1. Envolvimento e Abertura Organizacional				
Codifica todos os enunciados que refletem como é que as Casas de Acolhimento mostram (in)flexibilidade organizacional para se adaptarem às necessidades dos atletas e à prática desportiva				
4.1.1.	Flexibilidade	3	4	4M39FB: “... a pessoa responsável da jovem na instituição que era louvar o esforço ...o que a instituição fazia pela jovem vinha alguém com uma carrinha lá de... de Lordelo até Ermesinde e depois vinham buscá-la ao fim do treino ...”
4.1.2.	Menor Flexibilidade	2	4	3M46BCR: “São casas muito fechadas, habituadas a ter muitas rotinas deles e o desporto não é uma coisa muito bem acolhida se não partir deles. Ou seja, quando o jogador tem de sair da instituição para ir treinar, ou proporcionar isso, não só ao nível dos meios de transporte, mas ao nível de proporcionar novos horários das rotinas deles, por causa dos treinos. (...)”

4.2. Comunicação e Feedback

Codifica todos os enunciados que relevam a importância da comunicação entre os Treinadores e as Casas de Acolhimento Residencial, destacando o papel do feedback na construção de uma relação de confiança e melhoria contínua

4.2.1.	Suficiente	3	4	4M39FB: “Era total, ou seja, havia uma abertura total eu tinha inclusive o número privado da pessoa responsável da instituição qualquer coisa que se passasse havia comunicação entre mim e ela. Havia uma comunicação total, ou seja, era um canal aberto de um lado para o outro e sempre foi em prol da menina, da atleta, mas a comunicação foi 0 a 10, um 10 completamente.”
4.2.2.	Insuficiente	2	3	7M19FB: “(.) Nós não temos qualquer tipo de comunicação. E pronto, há sempre aqueles rumores (...) do diz que. Mas, sim tem de haver comunicação, mas ainda não há.”
4.2.3. Formas de Comunicação				
Codifica todos os enunciados que focam nos procedimentos concretos adotados tanto pelos treinadores como pelas Casas de Acolhimento Residencial				
				2M32AM: “... eu tenho de fazer um relatório mensal, não me foi colocada essa obrigação, mas eu acho que

4.2.3.1.	Adotadas pelos Treinadores (e.g., relatórios mensais)	4	5	<i>por direito eu fazer esse mesmo relatório. Não os faço com os outros todos que eu tenho, mas com esses jovens, com uma situação diferente, eu faço aqui um relatório mesmo até para eles perceberem o comportamento deles, a assiduidade, a pontualidade.”</i>
4.2.3.2.	Adotadas pelas Casas de Acolhimento Residencial (e.g., telefonemas)	3	3	3M46BCR: <i>“Telefonemas ... (...).”</i>